

Minha vida, nossas vidas, formam um só diamante: possibilidades teórico-metodológicas da análise biográfica.

Wilton C. L. Silva¹

Assim como no mais que conhecido poema *Canção Amiga*, de Carlos Drummond de Andrade, parece-me que aqueles que se dedicam à construção ou análise de biografias se não criam ou aprendem novas palavras, ou mesmo não sejam capazes de tornar outras mais belas, buscam de forma reiterada uma certa coerência narrativa e/ou analítica entre o relato e o vivido.

Na imensa amplitude do compartilhar ou do refletir sobre a experiência humana, da qual a biografia é um exemplo, e que enfrenta o desafio da empatia, da identidade, da alteridade e da expectativa de “acordar os homens e adormecer as crianças” tem-se uma luta constante, na qual, no interior de diferentes áreas das ciências sociais e humanas se avalia a questão biográfica de maneira distinta nas últimas décadas e, felizmente, resultando em necessárias reavaliações, diálogos frutíferos e debates intensos.

As “ciências do homem” formam “um conjunto heterogêneo, desigual, com várias disciplinas, áreas temáticas, linhas de pesquisa, tradições teóricas, cujas fronteiras são, em geral, fluidas e pouco nítidas”, sendo que as divisões entre antropologia, história, sociologia, política, economia, filosofia, linguística, entre outras áreas do conhecimento, demonstram diferenças, “dependendo da perspectiva e de interesses, muito significativas ou, pelo contrário, insuficientemente importantes para dificultar o cruzamento de saberes, compartilhamento de idéias e,

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis (2000) e Livre-Docente em Metodologia da Pesquisa Histórica, também pela UNESP, Campus de Assis (2013). Professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis e coordenador do MEMENTO - Grupo de Pesquisa de Memórias, Trajetórias e Biografias. E-mail: wilton_silva@ig.com.br

sobretudo, debates e reflexões sobre objetos de investigação relevantes”. (VELHO, 2006, p. 1)

O biografismo enquanto tema de pesquisa é um desses pontos que são reavaliados de forma bipolar (ora como dimensão fundamental para a compreensão da vida social², ora como espaço de ilusão teórico-metodológica³) o que resulta em situação particular, como na constatação de que o verbete “biografia” não exista em um conceituado dicionário de ciências sociais e esteja não só presente em um dicionário de história de igual valor, mas também relacionado com outro verbete, “prosopografia”⁴, ao mesmo tempo em que ambos os livros têm verbetes sobre “memória” e “indivíduo”, e no caso do *Dicionário de Ciências Sociais*, encontra-se o refinamento dos termos com verbetes específicos para “memória social” e “memória coletiva”, assim como para

² Wright Mills, no já canônico *A imaginação sociológica*, aponta o desafio de se desenvolver nas ciências sociais reflexões que dêem conta das relações entre indivíduo-grupo-sociedade, e afirma: “A ciência social trata de problemas de biografia, de história e seus contatos dentro das estruturas sociais. São estes os três – biografia, história, sociedade – pontos coordenados do estudo adequado do homem, eis a tese que defendi ao criticar as várias escolas atuais de Sociologia, cujos adeptos abandonaram essa tradição clássica” (p. 156).

³ Como no exaustivamente citado texto de Bourdieu (1996) sobre a ilusão biográfica, no qual discute as construções da narrativa biográfica e o peso da trajetória no percurso individual enquanto “criação artificial de sentido”. O texto de Bourdieu, originalmente publicado em 1986, se inseria em um questionamento das histórias de vida enquanto metodologia de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais, e curiosamente trabalhos posteriores do autor mostram uma clara aproximação com tal tipo de abordagem (*A Miséria do Mundo*, de 1993, e *Esboço de auto-análise*, de 2004). Mas Bourdieu não foi pioneiro em sua crítica, pois já Freud, em carta-resposta a Arnold Zweig, ex-paciente, amigo e correspondente do psicanalista, que lhe pedia autorização para escrever uma biografia do pai da psicanálise, recusa de forma enfática o pedido: “Aquele que empreende uma biografia está comprometido com mentiras, dissimulação, hipocrisia, disfarces, bajulação... A verdade biográfica não existe...” (Carta de Freud a Arnold Zweig, citada por Ernest Jones, biógrafo oficial do psicanalista, *apud* YORKE, Clifford. “Review: Anna Freud: A Biography By Elisabeth Young-Bruehl”, In: *The International Journal of Psychoanalysis*, nºnn. 71, 1990, p. 167).

⁴ Segundo Andreau (1993, p. 625), a prosopografia “consiste em estabelecer notícias biográficas individuais e em confrontá-las. Diferentemente da biografia, ela nunca se aplica somente a um homem, considerado por si só interessante, mas a vários, a uma amostra cuja importância e a composição resultam da documentação disponível, e que se supõe representativa do grupo estudado” Ferreira (2002, pp. 1-2). afirma que o enfoque prosopográfico é inspirado nas ciências sociais e que basicamente seu método “define um universo de pessoas a ser estudado e propõe um conjunto de questões sobre seu perfil e atuação, que incluem dados sobre nascimento e morte dos indivíduos, laços de casamento e parentesco, origens sociais e posição econômica herdada, local de residência, educação, montante das fortunas pessoais ou familiares, ocupação, religião, trajetória política, experiência profissional.”

“individualismo” e “relações entre indivíduo e sociedade” (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 1986; BURGUIÈRE, 1993).

Em meio ao receio da perda de identidade, o desejo de superação de limitações de enfoque e as disputas entre quanto doar e quanto receber nas trocas epistemológicas, formam-se fronteiras com relações de boa vizinhança e zonas de litígio, entre trocas e coexistências que demonstram o reconhecimento da convergência de objetos, preocupações e procedimentos ao mesmo tempo em que se traduzem na sucessão e mesmo no conflito entre projetos, modelos de conhecimento e organização de saberes soterrados sob os desafios e limites da “interdisciplinaridade” (REVEL, 1998).

As práticas inseridas na escrita biográfica já foram definidas como a “história de uma só pessoa” e ainda recebem reticências e reservas de alguns historiadores e cientistas sociais, como se falar de indivíduos fosse calar sobre assuntos mais urgentes e grandes injustiças.⁵

No entanto, tais relatos são o resultado de memórias (ou mesmo esquecimentos) coletivas, individuais e sociais, constantemente negociadas e processadas, com vínculos com mitos, saberes, fazeres e tradições que se corporificam por meio de relações particulares com o tempo e o espaço, que não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referenciais atuais.

As pesquisas no e sobre o gênero biográfico colocam de forma inegável delicadas relações entre uma significativa erudição, certa criatividade literária, uma dose de intuição psicológica e uma estudada proximidade com o romance moderno, ao mesmo tempo em que busca-se atender as

⁵ Chaussinand-Nogaret (1993, p. 96) identifica as reservas ao biografismo pela sua suposta vinculação “mais sensível à cronologia do que às estruturas e aos grandes homens do que às massas”, e aponta as limitações desse preconceito afirmando o valor de diferentes abordagens do enfoque biográfico que permitiriam considerável ampliação de alcance analítico, como a prosopografia, a biografia coletiva, a micro-história ou ainda o refinamento da biografia de notáveis para além do culto ao herói, da comemoração estéril ou de um conjunto respeitoso de imagens. Levillain (1996) atribui o renascimento do interesse pela biografia a certas mudanças conjunturais do final do século XX, a saber, a crise de grandes modelos explicativos, o questionamento das ideologias, a valoração do individualismo e o descarte de uma completa inteligibilidade do real.

exigências teórico-metodológicas de distintas orientações possíveis sobre tais objetos e seus múltiplos recortes.⁶

O conjunto de textos selecionados para esse dossiê, com toda certeza, não pretende estabelecer respostas definitivas às questões que o biografismo desperta na busca da compreensão do passado a partir das relações entre as ideias de indivíduo e grupo / conjuntura e estrutura / vida e obra, entre outras dicotomias analíticas possíveis, mas sim, de forma muito mais limitada e humilde, busca oferecer um rápido mas significativo panorama das diversas possibilidades de análise da realidade histórico-social a partir da perspectiva biográfica.

Tratam-se de textos apresentados em dois eventos, um internacional e outro nacional ocorridos em 2015, o Simpósio Temático Biografia, memórias e trajetórias na América Latina, coordenado por mim e pela Profa. Dra. Heloisa Paulo, da Universidade de Coimbra, no 55 ICA – Congresso Internacional de Americanistas, ocorrido em julho, em El Salvador; e o Simpósio Temático Trajetórias e Biografias: modelos, limites, desafios e possibilidades, também coordenado por mim e pelo Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar, da Universidade Federal de Uberlândia, no XXVIII Simpósio Nacional de História – ANPUH, que aconteceu em julho, em Florianópolis.

O texto de João Muniz Junior, *A escrita biográfica: impasses, tensões e novas perspectivas* oferece um amplo balanço de algumas questões teóricas fundamentais sobre o gênero biográfico, particularmente no que se refere ao hibridismo desse gênero, com suas nuances de ciência social / história / literatura.

O artigo mapeia de forma didática e minuciosa boa parte da literatura dedicada ao tema dentro das ciências sociais e humanas, destacando a legitimação da abordagem hermenêutica do tempo enquanto experiência vivencial a ser relativizada, o conceito barthesiano de biografemas e a ideia de pluralização das identidades, como referenciais epistemológicos a serem valorizados no tratamento do tema.

⁶ Se torna necessário e legítimo o autoquestionamento: “Como conciliar, por um lado, o ímpeto de tratar materiais como fontes das quais se retiram informações para ampliar os limites da história particular de um indivíduo e de sua obra, e, por outro, movimentar-se sob as ordens da curiosidade resvalando entre o potencial narrativo de todo arquivo e sua infinita abertura para novas leituras e agenciamentos?” (WERNECK, 2014, p.26).

A diversidade de fontes, metodologias e questões contempladas pelas abordagens biográficas encontram no artigo *Narrativas (Auto)Biográficas: singularidades possíveis*, de Raquel Alvarenga Sena Venera um exemplo feliz da confluência da história oral, as questões do tempo e da memória e as novas tecnologias.

O texto é resultado de uma pesquisa em andamento intitulada *(Auto)biografias e subjetividades: o outro de si mesmo na Esclerose Múltipla*, que objetiva analisar processos de subjetivação de pessoas acometidas pela doença, a partir de discursos (auto)biográficos organizados em redes de Histórias de Vida e que, em uma perspectiva de patrimonialização cultural, fazem parte de um acervo em construção que será incorporado ao Museu da Pessoa (www.museudapessoa.net).

O artigo aqui incluído analisa duas narrativas (auto)biográficas, de um homem e de uma mulher, de 41 anos e 54 anos respectivamente, que vivem com os sintomas da Esclerose Múltipla há cerca de 20 anos, nos quais os processos de singularização evidenciam tanto o desejo de ser lembrado como o desejo de potência nas experiências com a doença que se apresenta degenerativa com potencial incapacitante.

Trata-se de um trabalho em que a originalidade do enfoque se soma ao refinamento do debate proposto, refutando o lugar comum da *superação* em favor da valorização das possíveis singularizações na vida ordinária e no fluxo dos enunciados.

Em uma abordagem mais clássica dentro dos estudos de biografia e trajetória, *Cartas de Juan Natalicio González para o seu mestre Juan O'Leary: a autonomia literária e política do discípulo*, de Marcela Cristina Quinteros, se dedica a analisar a correspondência de um importante intelectual paraguaio, identificado com o revisionismo histórico e filiado ao Partido Colorado, com seu mentor nos primeiros anos de sua vida intelectual e política.

A utilização de uma fonte documental específica, as cartas, e a ênfase nos interesses estéticos e políticos dos missivistas permite tanto a constatação de características sutis de um projeto de político como de uma relação intelectual, o que, com certeza, demonstra algumas possibilidades do enfoque biográfico para a compreensão da trajetória de um intelectual latino-americano plural, no esforço de caracterização

das particularidades e dos contextos que envolvem um personagem específico.

Por sua vez, o artigo *Max Glücksmann: sus primeros pasos en la “Casa Lapage”*, *descubriendo al pionero del cinematógrafo*, de Gabriela Ximena Gómez, utiliza a trajetória de um empresário austríaco que foi um agente e empreendedor cultural como referencial para reflexões sobre a indústria cultural em Buenos Aires na primeira metade do século XX.

O personagem, imigrante que de empregado da Casa de Fotografia Lapage, importante casa comercial do centro de Buenos Aires, se tornou seu gerente e proprietário, ocupando uma posição pioneira no cinema e na indústria fonográfica Argentina.

Utilizando-se de fontes gráficas, particularmente de natureza publicitária, a autora busca mapear o circuito cultural local e relacionar o crescimento urbano e as formas de consumo de bens culturais no nascente mercado de Buenos Aires, tendo como eixo o empreendedorismo de Max Glücksmann.

O artigo de Cristine Tedesco, *Uma análise das representações de Artemísia Gentileschi (1593-1654) em estudos de caráter biográfico*, não só apresenta uma discussão sobre memória biográfica na história da arte, mas problematiza essa discussão a partir de uma dimensão de gênero.

Artemísia Gentileschi (1593-1654) foi uma destacada pintora do barroco italiano que em seus trabalhos deu ênfase aos temas trágicos e de valorização das personagens femininas, tornando-se a primeira mulher a entrar para a Academia de Arte de Florença.

Há na historiografia da arte italiana recente um crescente interesse pela vida e obra da artista, sendo que os pesquisadores Roberto Contini e Francesco Solinas têm se dedicado ao estudo desta nas últimas três décadas, com a publicação de estudos de caráter biográfico.

O texto de Cristine Tedesco permite não só o contato com a trajetória da artista, que atualmente é valorizada como uma precursora do feminismo, mas também problematizar em que medida as questões *gênero*, *ilusão biográfica* e *redes de relações* são referenciais necessários para a

compreensão do biografismo enquanto memória e sua relação com o indivíduo retratado e com os grupos que nele se referenciam.

A história das religiões é um campo de reflexão extremamente rico para a abordagem biográfica, e a absorção de referências teóricas contemporâneas do biografismo pode contribuir de forma significativa para a superação dos enfoques reducionistas ou apologísticos que são recorrentes em muitos dos estudos da área.

O texto de Rogério Veras, *O Missionário e o Coronel: uma iconografia do médico-missionário George Butler*, coloca algumas questões nessa direção ao abordar, a partir da trajetória de um médico e missionário protestante no Nordeste brasileiro, em um momento de transição política e institucional na transição do século XIX para o XX e as nuances sociais e culturais da expressão religiosa naquele período.

Adotando uma postura crítica em relação às limitações de certas fontes escritas do período, os relatórios missionários, o autor enfatiza a dimensão iconográfica das fotos divulgadas pelo missionário e sua esposa, por meio de sua instituição a *Presbyterian Church in the United States* (PCUS), que enquanto representações sociais foram produzidas, disponibilizadas e divulgadas para fundamentar a criação de uma aliança entre protestantes e latifundiários no interior pernambucano.

Finalmente, um texto a quatro mãos, sobre a vida de um personagem notável narrada por uma grande biógrafa, *Brasileiro de meia cor e meia classe: a vida de Gonçalves Dias por Lúcia Miguel Pereira*, de Andréa Camila de Faria Fernandes e Márcia de Almeida Gonçalves, mostra como a chamada *biografia moderna* em terras brasileiras significou não só uma renovação literária, mas também historiográfica, ao redimensionar a escrita da história nacional.

Lúcia Miguel Pereira em sintonia com as tendências literárias das primeiras décadas do século XX identificava na biografia o campo para a utilização de recursos retóricos destinados à produção de efeitos sensibilizadores sobre seus leitores, onde através de uma narrativa permeada por análises de cunho psicologizante buscava apresentar seus personagens como sujeitos imersos nas incertezas das circunstâncias.

Essa apologia de uma escrita híbrida, na qual a biografia assume sua dimensão de história e de romance, como uma questão que ainda não se

resolveu, nos permite pensar de forma necessária e rica os caminhos da narrativa nas ciências sociais e humanas no século XXI.

O presente dossiê tem uma heterogeneidade de autores, em relação a origens institucionais e áreas de pesquisa, que ambiciona oferecer uma amostra diversa e ampla das possibilidades de se utilizar o biografismo como ferramenta para se pensar em novos objetos, novas perspectivas e novos problemas, ao mesmo tempo em que afirma uma dinâmica de diálogo interdisciplinar através do qual não ocorre o simples decalque, mas a tradução e a transcrição teórica e empírica.

Em nossos dias, tanto no campo intelectual quanto político, se faz necessário questionar as limitações dos *dogmas* e afirmar a possibilidade de trocas entre diferentes *doxas*, para constituirmos um conhecimento do social que seja capaz de efetivamente “acordar os homens e adormecer as crianças”.

Referências

ANDREAU, Jean. Prosopografia, In: BURGUIÈRE, André. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: 1993, p. 625-626.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BURGUIÈRE, André. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CHAUSSINAND-NOGARET, Guy. Biografia, In: BURGUIÈRE, André. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 95-97.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. História e Prosopografia. **Anais Eletrônicos da X Encontro Regional de**

História, Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2002. Disponível em < www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Conferencias/Ferreira%20Tania%20M%20T%20B.doc >. Visitado em 15/02/2009.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

REVEL, Jacques. História e Ciências Sociais: uma confrontação instável, In: BOUSIER, Jean. JULIA, Dominique. **Passados Recompostos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: UFRJ / Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 79-90.

VELHO, Gilberto. Ciências Sociais e biografia individual, **Aula inaugural do curso de graduação em Ciências Sociais do CPDOC da Fundação Getulio Vargas**, em 6 de março de 2006. Disponível em < [http://www.cpdoc.Fundação Getúlio Vargas.br/cursos/arq/AulaGilbertoVelho.pdf](http://www.cpdoc.FundaçãoGetúlioVargas.br/cursos/arq/AulaGilbertoVelho.pdf) >. Visitado em 24/05/2008.

WERNECK, Maria Helena. Sobre a biografia no Brasil: historicidades e práticas de escrita. In: FUKELMAN, Clarisse. (org.). **Eu assino embaixo: biografia, memória e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p.15-31.